Dir. Humanos

Ex-soldados acusam o Exército de matança

Testemunhas dão nova versão para confronto de 91 na fronteira com Colômbia: mortos eram garimpeiros e não guerrilheiros

Amaury Ribeiro Jr.

Enviado especial

• TABATINGA (AM), MANAUS (AM) e BOGOTÁ, COLÔMBIA. Em fevereiro de 1991, após uma emboscada guerrilheira que matou três soldados no posto militar do Rio Traíra, fronteira do Amazonas com a Colômbia, o Exército brasileiro deflagrou uma reação que resultaria, dias depois, na morte de pelo menos sete colombianos. Desde então, o Exército sustenta que os mortos eram guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) que reagiram ao cerco da tropa brasileira. Nove anos depois, surge nova versão sobre o conflito: um sargento e dois soldados que participaram da ação, comerciantes colombianos e parentes de vítimas afirmam que os mortos eram garimpeiros sem ligação com a guerrilha, que foram perseguidos, capturados, torturados e executados por militares brasileiros.

O conflito teve início na manhã do dia 26 de fevereiro de 1991, quando um destacamento de 17 soldados brasileiros foi atacado por mais de 40 guerrilheiros colombianos, que mataram os três sentinelas do posto e feriram outros 12 soldados. A reação brasileira foi imediata, com uma operação de guerra na selva só superada pela campanha do Araguaia. Pela versão oficial, foram sete os colombianos mortos, mas um dos oficiais que participaram da ação, o general Durval Neri (ex-comandante da Brigada de Aviação do Exército), admite hoje que o número pode ter chegado a 12, embora garanta que todos eram guerrilheiros.

Em depoimentos gravados pelo GLOBO, um sargento e dois soldados que participaram da campanha no Traíra e foram localizados em Manaus e Tabatinga, afirmam que o Exército queria dar uma resposta exemplar à agressão que sofrera. Os três, que já não mantêm qualquer relação, foram ouvidos separadamente e deram versões idênticas sobre o conflito.

— Eram garimpeiros e foram executados após serem presos e amarrados numa cruz — diz o soldado Vataíde Celestino do Nascimento, o Vavá, de 30 anos, que foi ferido com dois tiros na perna durante o ataque das Farc.

Os depoimentos de Vavá, do antigo soldado Antelmo Lopes Ferreira e do sargento da reserva Alberto Carneiro sobre a Operação Tacano, como foi chamada a ação do Brasil, contestam a versão oficial do Exército, sustentada pelo então ministro Carlos Tinoco. Em depoimento ao Senado, em abril de 91, o general afirmou que os colombianos foram mortos num confronto com a tropa. Tinoco garantiu que eram guerrilheiros porque, afirmou, usavam armas, roupas de selva e munição roubadas do posto militar atacado dias antes pelas Farc.

Os dois antigos soldados e o sargento se dizem abandonados pelo Exército, pois foram para a reserva sem receber o apoio psicológico e o soldo que esperavam por ter participado da campanha do Traíra.

Mortes nunca foram apuradas

• Apesar do apelo feito pelo Governo colombiano ao Brasil, na época, para que fosse feita uma investigação sobre as mortes, o Exército nunca abriu um IPM para apurar o conflito. Segundo Jaime Barreras, da Divisão de Soberania de Fronteiras do Ministério das Relações Exteriores da Colômbia, o pedido até hoje não respondido foi apresentado formalmente ao Brasil em 91:

— Depois que nossa investigação apontou a morte de pessoas inocentes e não guerrilheiros, pedimos que o caso fosse apurado, pois as mortes ocorreram em território brasileiro. Nunca tivemos resposta.

— Todos os esclarecimentos sobre o episódio foram dados por mim, na época, no Congresso — diz, hoje, o general da reserva Carlos Tinoco.

Segundo os novos depoimentos, uma mulher grávida também teria sido executada a golpes de facão, depois de ser submetida a sessões de tortura. As cenas descritas pelos militares da reserva incluem paredão de fuzilamento e a incineração dos corpos das vítimas com gasolina.

O número de mortes também pode ser maior que o divulgado na época. Garimpeiros colombianos que trabalharam na área, antes conhecida como Garimpito — no lado colombiano, a 70km de Traíra — falam em 15 mortos e desaparecidos.

Farc nega morte de guerrilheiros

• Em San Vicente Del Caguan, cidade colombiana que está sob o domínio da guerrilha, o comandante militar das Farc, Raul Régis, também sustenta que os mortos da campanha do Trairá não eram guerrilheiros, mas garimpeiros. Segundo Régis, a Farc foi realmente a responsável pela escaramuça contra o posto do Exército, mas ele diz que só atacou devido à tortura e ao roubo de ouro que afirma terem sido praticados por militares brasileiros contra colombianos.

Em Tabatinga (AM), onde trabalha como cozinheiro, o ex-soldado Vavá aparenta firmeza ao dar sua versão sobre o episódio. Afirma que a morte dos colombianos começou a ser planejada num sábado, três dias após o ataque das Farc. Vavá diz que os oficiais ordenaram aos subalternos que retirassem a tarjeta de identificação porque entrariam numa guerra suja para vingar a morte dos soldados:

— Recebemos ordens para queimar os corpos e só poupar a vida dos garimpeiros brasileiros — afirma.

Vavá conta que, 45 dias depois do ataque aos garimpeiros, ao voltar ao local, ainda assistiu à execução de três garimpeiros, que tinham ficado dois dias amarrados em toras de madeira cruzadas, sem comida e sangrando devido a picadas de insetos.

Segundo Vavá, o grupo que teria matado os garimpeiros era composto por um tenente, dois sargentos e um soldado que se matou há quatro anos com um tiro na cabeça.

Vavá conta que os três garimpeiros foram levados num barco pelos militares, que retornaram dizendo que já tinham matado os homens que chamavam de guerrilheiros:

— Todo mundo sabia que os coitados eram garimpeiros, mas foram executados como se fossem guerrilheiros.

A morte dos garimpeiros também é relatada pelo soldado da reserva Antelmo Lopes Ferreira, de 30 anos. Ele diz que trabalhava como barqueiro na base do Rio Traíra e foi obrigado a levar num barco militares com os garimpeiros, a caminho da morte.

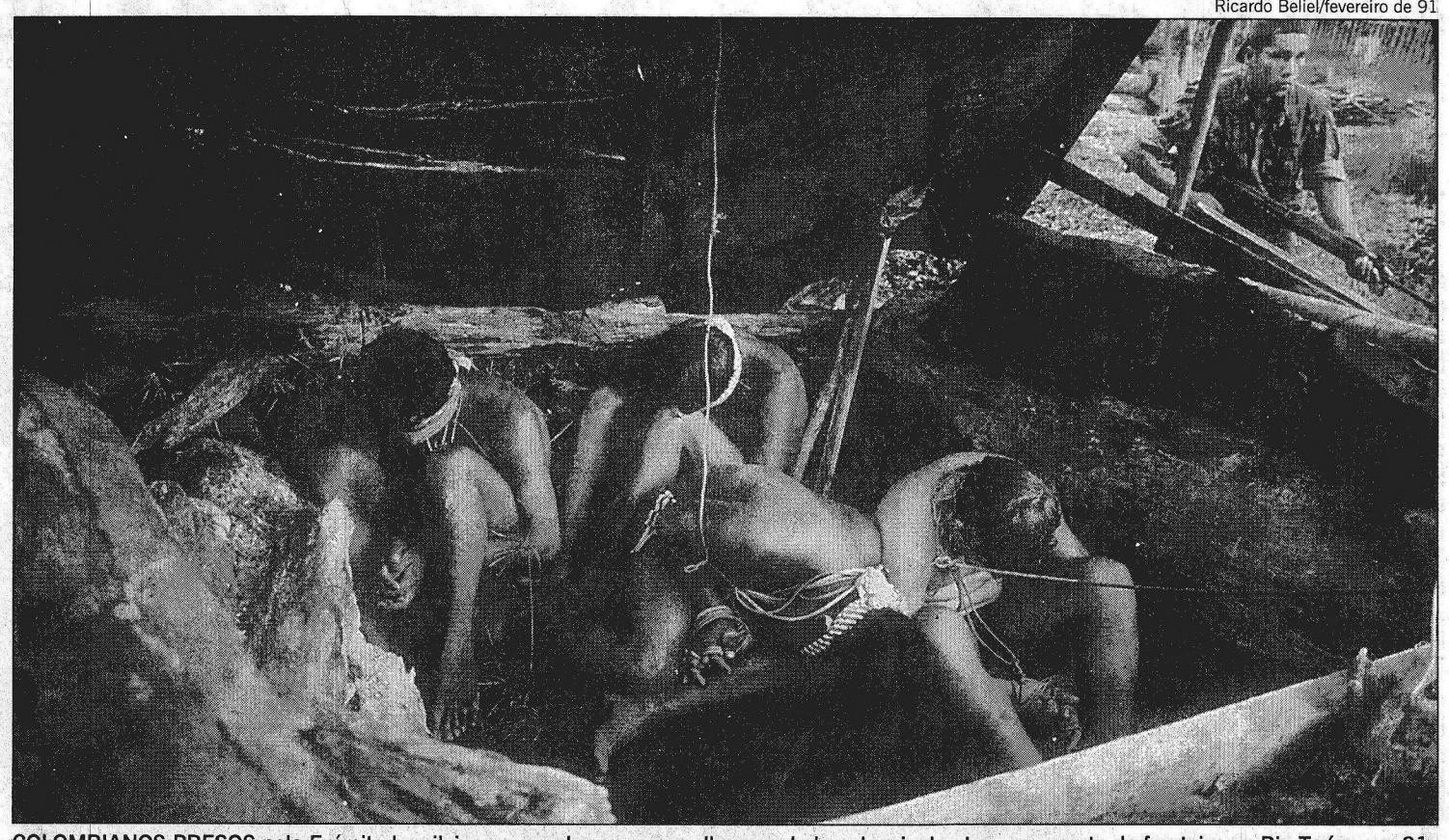
— Eu atracava o barco numa barranca de rio, e os oficiais saíam com os garimpeiros para o mato e voltavam sem ninguém — afirma Antelmo, que diz que só revelará o nome dos militares se for incluído no Programa de Proteção a Testemunhas do Governo federal.

Mais violentas ainda são as mortes relatadas pelo sargento Alberto Carneiro, de 30 anos, que permaneceu 45 dias no destacamento do Rio Traíra. Encarregado do controle de 50 bombas de um campo minado em frente ao posto, afirma que as primeiras execuções de garimpeiros teriam ocorrido numa ponte, a 150 metros do destacamento:

— Vi três garimpeiros implorarem para não morrer. Mas não teve jeito: acabaram sendo fuzilados. ■

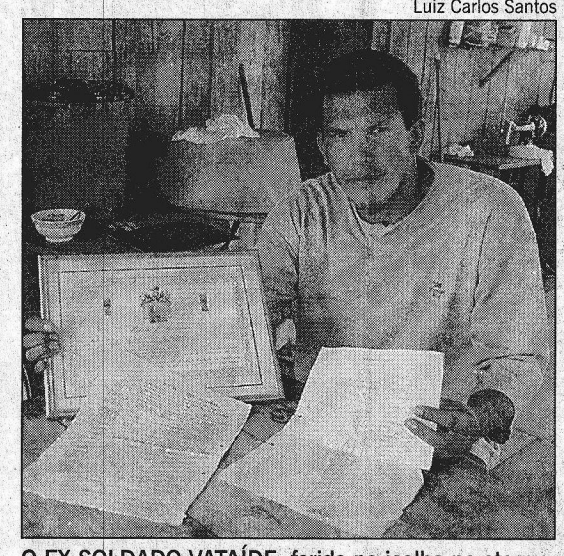
COLABOROU *Chico Otavio*

Ricardo Beliel/fevereiro de 91



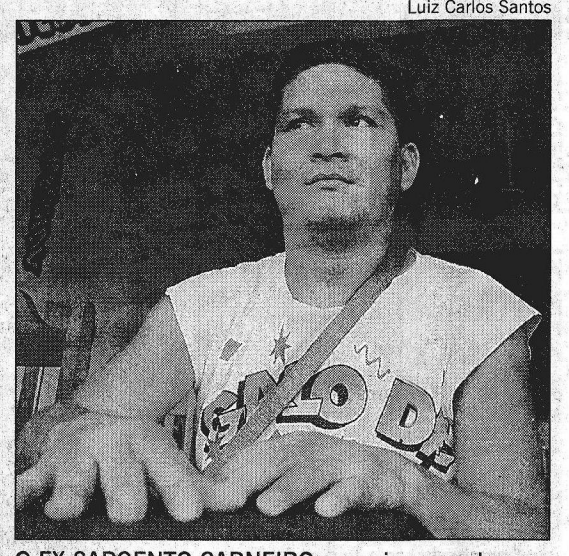
COLOMBIANOS PRESOS pelo Exército brasileiro, amarrados e com os olhos vendados, depois do ataque ao posto de fronteira no Rio Traíra, em 91

Luiz Carlos Santos



O EX-SOLDADO VATAÍDE, ferido no joelho no ataque

Luiz Carlos Santos



O EX-SARGENTO CARNEIRO, que vingou o ataque

Editoria de Arte